

## Ensino: da Gramática à Filosofia

Prof. Dr. Jean Lauand  
Prof. Titular FEUSP  
jeanlaua@usp.br

**Abstract:** This paper discusses the role of common language in philosophical method. As Philosophy can not access directly its subject - the human being -, it examines language in order to recover the great intuitions about man that have not remained in conscience and are hidden in language. Some particular cases of Portuguese, Spanish, English, German and French are examined.

**Keywords:** Philosophical Method. Languages. Philosophy. Philosophy and Languages.

**Resumo:** O artigo discute o papel da linguagem comum no método filosófico. Como a filosofia não acessa diretamente seu objeto, o ser humano, ela indiretamente recorre à linguagem a fim de recuperar as grandes intuições sobre o homem, que não permanecem na consciência reflexiva. São apresentados alguns exemplos das línguas portuguesa, espanhola, inglesa, alemã e francesa.

**Palavras-chave:** Método filosófico. Língua e Linguagem. Filosofia e Linguagem.

### A linguagem como laboratório

Uma das grandes contribuições do pensador alemão Josef Pieper (1904-1997) para o método da Antropologia Filosófica foi a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem é fundamentalmente indireto: os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem na consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem (um estudo tematicamente dedicado à metodologia em Pieper está em (Lauand 2007, 119-142)).

Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições - como por exemplo a universidade, que tanto nos revela sobre o espírito humano -, em formas de agir - como é o caso do filosofar ou do ato poético -, e na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos das instituições, das atividades humanas e das formas de dizer, em nossa língua ou em outras.

Nesse quadro, a linguagem passa a ser todo um laboratório para o pesquisador em antropologia: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Neste artigo, indicaremos - por vezes a modo de brevíssima alusão - alguns desses casos “reveladores” da linguagem, em diversas línguas.

### **Gênio (e jeito) das línguas: o brasileiro**

Feitas as devidas imensas ressalvas, falaremos aqui de grandes tipificações como “o brasileiro”, “o inglês” etc. Como não pretendemos mais do que sugerir indicações de presença e de conexão, trata-se de procedimento aceitável, desde que tenhamos sempre presente as limitações que reconhecemos.

A linguagem recebe (e dá...) características do povo que a pratica; o falar brasileiro - o de Sinhá Zefa e o nosso - dá-se acompanhado - no léxico, na prosódia, etc. - pelo africano e pelo índio, porque também o brasileiro recebeu essas influências. Para evidenciar isto, basta evocar a figura e a obra do saudoso Dorival Caymmi - ele mesmo um expoente do diferencial brasileiro - e os personagens de suas brasileiríssimas canções, como *História pro sinhôzinho*:

Na hora em que o sol se esconde  
E o sono chega  
O sinhozinho vai procurar  
Hum, hum, hum  
A velha de colo quente  
Que canta quadras e conta histórias  
Para ninar  
Hum, hum, hum

Sinhá Zefa que conta história  
Sinhá Zefa sabe agradar  
Sinhá Zefa que quando nina  
Acaba por cochilar  
Sinhá Zefa vai murmurando  
Histórias para ninar

Peixe é esse meu filho, peixe é esse meu filho  
Não meu pai  
Peixe é esse mutum, manganem  
É toca do mato guenem, guenem  
Suê filho ê  
Toca aê marimbaê

Em maior ou menor grau, todos aprendemos com Sinhás Zefas, que falavam brasileiro, com palavras tupi e bantu (como *cochilar* ou *marimba*) e ensinavam os fundamentos do jeito nosso de ver o mundo... Para ficarmos com alguns exemplos de que tenho tratado na *Revista Língua*, fomos educados para atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como *maminha* e *fraldinha*; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, *coraçõzinho* e *franguinho*, acompanhados talvez de uma *caipirinha*, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Por influência africana, o diminutivo para nós serve até de aumentativo: quando o pão de queijo acaba de sair do

forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “aproveita, que está quentinho”. Por influência africana, atenuamos o rígido “ter”, que, entre nós virou (*virar*, outro brasileirismo) o mais democrático e fraternal “estar com”.

Mais importante do que o tempo objetivo e comum é o tempo de cada um e nossa língua dispõe de um tempo personalizado (“amanheci meio jururu”). Ainda no âmbito do destaque da pessoa, enfatizamos a personalização com o artigo (“fala com a Fabiana ou com o Fernando”) e dispomos de tantos outros recursos e modos que decorrem do “jeito de ser” brasileiro; que, por sua vez, também se configura quando - na escola e com Sinhá Zefa - aprendemos a língua...

### **Alguns casos em outras línguas**

Nos exemplos acima, destacamos a personalização. A língua espanhola também tem seus sutis requintes para esse caso, assim descritos em memorável conferência de Julián Marías:

Eu fico impressionado com certas finuras da língua espanhola, que distingue entre coisa e pessoa de modo muito claro. Por exemplo, o acusativo de pessoa requer em espanhol a preposição *a*. Nas línguas que eu conheço isto não ocorre, o acusativo de pessoa se constrói com o verbo e o complemento direto e pronto. Em francês, em inglês, em alemão, em italiano etc., não ocorre essa distinção. Já o espanhol nunca dirá: “*He visto Juan*” ou “*Quiero Isabel*”. Dirá “*He visto a Juan*”, “*Quiero a Isabel*”. E mais ainda: há um refinamento muito curioso no que se refere aos animais. Um caçador que volta da caça aos coelhos diz: “*He matado seis conejos*”. Se dissesse “*he matado a seis conejos*” é que se sentiria vagamente culpado. Mas se a espingarda dispara por acidente e atinge o cachorro, ele dirá: “*He matado a mi perro*”. E não: “*He matado mi perro*”. Porque meu cachorro não é simplesmente uma coisa, eu não o trato como coisa; meu cachorro está personalizado, não é uma pessoa, mas tem sua vida de certo modo contagiada pela minha. Como podem ver, a língua tem seus refinamentos... (Marías, 2000)

Mesmo o preconceito acha seus caminhos refinados, como mostra o mesmo Marías (Marías, 2001), desta vez falando da língua alemã:

Dá-se um fato curioso no alemão: a antiga palavra para mulher, *Weib – Frau* não, *Frau* é uma palavra feminina – é neutra: *das Weib*, mulher neutro. Do mesmo modo que se usa o neutro para o diminutivo – por exemplo, moça, *Mädchen* é *das Mädchen* – ou ainda em *das Pferd*, cavalo. E é que são coisas que se tem em propriedade: afinal, a mulher, *das Weib*, *das Mädchen*, *das Fräulein*, *das Kind*, a criança também é indistinta em gênero... São neutros. Por que neutros? Porque são considerados propriedades, isto é, a vivência primária com relação à mulher, à moça, à criança é

a de propriedade. É, diríamos, um arcaísmo social que está na língua.

Sempre me pareceu uma grave injustiça para com os alunos que os professores de línguas não destacassem e discutissem refinamentos como esses, carregados de sentido antropológico; e apresentassem a gramática como meras regras (ou exceções), o que é estéril até do mero ponto de vista do ensino da gramática, transformada numa memorização frustrante e insossa...

Seria bem mais fácil a própria apreensão da gramática se os professores se lembrassem de, quando for o caso, discutir a filosofia ou sociologia subjacentes.

Pensemos, por exemplo, no imenso e variado uso que a língua inglesa faz do gerúndio, das formas *-ing*. Parece-me que este fato gramatical guarda alguma relação com a tradição de pensamento inglês, tão frequentemente afeito ao empirismo, ao nominalismo, ao pragmatismo, ao fato que se manifesta à percepção. Como na antiga piada do concurso internacional de monografias sobre o elefante. Concorrem um alemão, um italiano, um francês e um inglês (claro que a piada admite diversas versões, com diferentes nacionalidades e desfechos: a única constante é o francês!). Na data da entrega, o alemão comparece com um grosso volume intitulado: “Prolegômenos aos pressupostos teóricos da essência da tromba. Volume I”; o francês apresenta um elegante ensaio: “*L’elephant et l’amour*”; o italiano: “*L’elefante e la sua buona memoria: Perché lui non dimentica mai che há dovuto tutto a sua madre*”. Já o inglês traz simplesmente: “*The Elephant*” (ou “*Elephants I have shot*” ou “*Elephants in British Empire*”...). De acordo com a maldade do narrador, pode-se acrescentar, o argentino, com o estudo: “*La Argentina y los argentinos*”; o americano: “*The Elephant and the global war on terror*” ou em versões pré 11-09: “*How to breed more elephants in less time*”; etc.

Com todas as reservas para uma afirmação tão geral, o inglês parece tender ao fato concreto e a recusar abstrações desnecessárias e isso de algum modo se traduz na gramática. Tomemos, por exemplo, os chamados *verbs of perception*, como *to see, to hear, to overhear, to feel*... Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo “com *to*”, mas pela forma em *-ing*, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn’t you hear the phone ringing?* Caberia também a forma nua: *Didn’t you hear the phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o *-ing*: “*Didn’t you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*”. Mas, em nenhum caso, o infinitivo com *to*, não se pode dizer: “*Didn’t you hear the phone to ring?*” Curiosamente, em Portugal é ao contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo “o correr”; não ouço “o tocar”; vejo, isso sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria...

E há verbos, como *to smell, to catch, to spot, to find* que, ainda na fórmula *verb + (pro)noun*, só admitem a forma *-ing* (não aceitam sequer a forma nua); referem-se unicamente a processo, a gerúndio, a fato ocorrendo: eu só posso sentir o cheiro de algo queimando (assando ou fritando etc.); só posso apontar (*spot*) para algo que está ocorrendo; etc.

Sem essas reflexões (que tanto ajudam à compreensão e memorização), a gramática torna-se uma opressora tabela de regras e exceções arbitrárias.

Como aquela exceção - aparentemente ininteligível - da língua francesa: o verbo *espérer*. Ensinam as gramáticas que se emprega o subjuntivo quando a oração subordinada é introduzida por verbos ou expressões que expressam um desejo ou uma

vontade (*je veux que...*; *je souhaite que...*; etc.); a exceção é o verbo *espérer*, que requer indicativo!?

Por trás dessa exceção (e de outros interessantes fenômenos da linguagem da esperança em francês) há razões filosófico-teológicas, que remetem à história cultural. Em geral, o aluno é privado dessas explicações e dificilmente vai lembrar qual é o verbo que era exceção...

No caso, a exceção remete à distinção clássica entre *simpliciter* e *secundum quid*. Os antigos distinguiam entre felicidades, realizações e esperanças (em plural, *secundum quid*) e felicidade, realização e esperança (em singular, *simpliciter*). As *secundum quid* referem-se aos mil aspectos do “dar-se bem” - a saúde, as finanças, a aceitação social, a integridade física e a dos próprios bens etc. -; já *simpliciter* refere-se ao “dar-se bem” último, radical e definitivo, realizar-se enquanto homem: *to be or not to be* é que é a questão! É, portanto, único e singular. Nesse sentido, Josef Pieper fez notar uma outra sutileza da língua francesa: a existência de duas palavras para esperança: *espoir* e *espérance*, aparentemente sinônimas (os dicionários costumam apontar que a primeira é mais coloquial e a segunda mais “literária”), mas, na verdade o que geralmente as distingue é o fato de que *espoir* se aplica aos aspectos *secundum quid*, plurais (as mil esperanças: de cura, de êxito financeiro, da classificação do meu time etc.), enquanto *espérance* - esta é singular!- é a esperança definitiva, a do *to be or not to be*, ou, na tradição cristã, a virtude da esperança, que, por ser teológica, dá a certeza da salvação. Ora se “esperar”, nessa tradição clássica, refere-se à certeza, não cabe o subjuntivo, mas somente o indicativo: quem espera, sempre alcança...

### Linguagem e "confusão"

Nessa metodologia filosófica que se volta para a linguagem, as distinções são importantes. Há pouco víamos a riqueza da distinção que o francês estabelece entre *espoir* e *espérance*, um requinte de que as outras línguas não dispõem. Mas, ao contrário do que à primeira vista poderia parecer, não só a distinção é rica e importante. Algumas das mais brilhantes contribuições de Pieper para o pensamento filosófico estão em indicar a “confusão” na linguagem, que nos leva à “confusão” no pensamento e que, afinal, correspondem ao fato de que a própria realidade é também, em muitos casos “confundente” (obviamente, sem nenhum sentido pejorativo, mas somente no de pensar conjuntamente).

Um exemplo: quem quer que se pergunte, filosoficamente, “O que, em si e afinal, é o amor?” deve atentar não só para as infinitas distinções de que as línguas grega, latina e neo-latinas apresentam, mas, sobretudo, para as riquíssimas possibilidades confundentes da língua alemã que não dispõe, no caso, senão de um único e confundente substantivo: *Liebe*.

Assim, usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho, como também para designar o solícito amor por uma pessoa que está passando por dificuldades; ou ainda para a atração mútua entre homem e mulher; ou a dedicação do coração a Deus. Para tudo isto, dispomos de um único substantivo: *Liebe*. (...) Esta manifesta, ou simplesmente aparente, pobreza do vocabulário alemão oferece-nos uma oportunidade especial: a de enfrentar o desafio, imposto pela própria linguagem, de não perder de vista aquilo que há de comum, de confundente entre todas as formas de amor (Pieper, 1981, 24).

A partir desse fato confundente, pôde Pieper – ao longo de todo seu tratado sobre o tema, chegar à caracterização fundamental do amor, comum a todas as formas expressas por diversos vocábulos em outras línguas. Trata-se do nível mais básico: o amor como aprovação de algo/alguém, ou na genial formulação de Pieper:

Amar é dizer: “Que bom que você exista! Que maravilha que estejas no mundo!”

Fiquem estes poucos exemplos como sugestão de explorar outros fatos gramaticais ou de linguagem em sala de aula: numa época que diz valorizar a interdisciplinariedade e a transversalidade não estaria demais ensinar gramática e língua procurando descobrir concretamente aquilo que de fato são: reveladoras do homem e de seus condicionantes.

### **Referências**

- Lauand, Jean (2007) *Filosofia, Linguagem, Arte e Educação*, São Paulo, ESDC, 2007
- Marías, Julián (2000) *La Persona. Conferencia* <http://www.hottopos.com/mp2/mariaspers.htm>
- Marías, Julián (2001) *Enamoramiento: la persona que se convierte en proyecto. Conferencia* <http://www.hottopos.com/mirand12/jms5enam.htm>
- Pieper, J. 1981 *Glauben, Hoffen, Lieben*, Freiburg, IBK.